

COMPANHIA DAS OBRAS: UMA HISTÓRIA EM CAMINHO

Apontamentos do encontro da Companhia das Obras com
Daive Prosperi (presidente da Fraternidade de Comunhão e Libertação)),
Andrea Dellabianca (presidente da Companhia das Obras)
e **Giuseppe Frangi** (jornalista de *Vita*).
Meeting pela amizade entre os povos, Rimini, 22 de agosto de 2024.

Andrea Dellabianca

Bem-vindos ao encontro de hoje da Arena da Companhia das Obras. Este encontro é uma ocasião de diálogo sobre o tema «Companhia das Obras: uma história em caminho», título da zona que acolhe o encontro. Gostaria de agradecer a participação do Giuseppe Frangi, jornalista, que foi diretor de diversas revistas e foi curador de várias exposições do *Meeting para a amizade entre os povos*, a quem foi confiada a tarefa de idealizar a zona da CdO (tanto em termos de conteúdo como de disposição), e ao professor Daive Prosperi, que é o presidente da Fraternidade de Comunhão e Libertação, com quem dialogaremos neste encontro.

Esta pretende ser uma ocasião para aprofundar o tema central proposto este ano na zona da CdO: uma presença no Meeting que pudesse ser conteúdo e exemplo. O que quero dizer com isso? Um espaço de encontro em que se possa dialogar e aprofundar os conteúdos mais pertinentes ao trabalho, quer em termos de empresas com fins lucrativos, quer em termos do terceiro sector, quer em termos de obras educativas, um itinerário que contasse toda a riqueza desde o início até hoje, uma presença das obras e de pessoas que vivem diariamente a Companhia das Obras. Ou seja, uma ocasião de encontro, de diálogo e de aprofundamento. Este desafio necessitava de uma capacidade descritiva e de uma decoração capaz de ajudar a expressar os objetivos a que nos tínhamos proposto. Começemos pelo Giuseppe Frangi, a quem pedi que descrevesse em pormenor a ideia deste espaço.

Giuseppe Frangi

Permito-me explicar a configuração projetada para o espaço da Companhia das Obras no Meeting, reconstruindo um pouco a sua história, porque a história serve para percebermos melhor as coisas. Eu estava a trabalhar no projeto da exposição aqui ao lado, do Progetto Arca, e tinha colocado a questão ao Sandro Cappello, com quem estava a trabalhar nesse projeto, do que estava previsto para o espaço em frente. A exposição pretendia ter um grande impacto, também humano e social, pelo que eu estava ansioso por perceber em que contexto se enquadraria. Soubemos então que o espaço estava destinado à Companhia das Obras e por isso pensámos se não seria possível nascer alguma coisa em diálogo, de modo a tornar este espaço um local mais homogêneo e, por conseguinte, também com maior impacto. Tivemos um primeiro encontro com alguns dos nossos amigos da CdO, iniciando um diálogo completamente informal, simplesmente para perceber que tipo de perspetiva queriam seguir. E assim, no diálogo, quase um *brainstorming*, surgiram vários temas que eles queriam expressar e que estavam muito em linha com o que estava a ser construído mesmo ali ao lado. Por exemplo, surgiu o desejo de representar com a montagem a identidade da Companhia das Obras "una e trina": ou seja, um sujeito único que, no entanto, se desdobra em três almas, a alma lucrativa, a alma não lucrativa e a alma educativa. A preocupação correta e legítima, que fiquei feliz por poder acolher, era a de fazer perceber, através de uma proposta expositiva no espaço do *Meeting*, que as três almas estão todas em rede, estão todas ligadas, são permeadas umas pelas outras e que a identidade da Companhia é dada precisamente por esta articulação de uma marca quase mutualista de sujeitos de naturezas diferentes unidos pelo mesmo ideal.

Tentámos por isso imaginar um percurso, uma montagem que restituísse precisamente esta unidade de identidade. A sugestão que eu queria dar, em primeiro lugar, era a de fazer explodir o nome, ou seja, sair por um momento da sigla e voltar à beleza de «Companhia das Obras», porque são dois termos que têm um potencial maravilhoso. O nome é gerado por um episódio, aquele episódio inicial dos amigos de Alcamo, que deu a *don* Giussani a ideia de colocar as obras numa "companhia": é o episódio do qual parte a narração proposta pelo percurso, e que depois foi enriquecido por um lindíssimo testemunho em vídeo. Companhia como lugar onde as obras se sustentassem mutuamente não só do ponto de vista concreto, mas sobretudo do ponto de vista de um ideal.

A redescoberta da história leva, assim, à redescoberta da beleza e da razão de ser

do nome e a imaginar um percurso que volte a propor os passos dados, não tanto para fazer uma espécie de arqueologia, ainda que boa, mas para restituir o sentido do que somos e do que fazemos hoje. O percurso é constituído por uma estrutura arquitetónica idealizada pelo Luciano Paci, composta por elementos articulados e interligados, e é acompanhado graficamente pelo Andrea Benzoni. É um percurso que acompanha o público até à arena, ou seja, ao local de reflexão, de aprofundamento dos muitos temas presentes: chega-se à arena depois de ter absorvido a pungência de uma história. À história “grande” da Companhia das Obras junta-se também a história dita “menor” dos muitos sujeitos que a constituem, sobretudo os da área social e educativa, a quem foi pedido, de forma simples e breve, que contassem as circunstâncias em que nasceram e os dados da sua presença hoje: histórias dentro de uma história.

Depois, há ainda mais um toque, porque num dos painéis de abertura, extraído daquele precioso livro que é *O eu, o poder, as obras. Contributos de uma experiência*, don Giussani, a dada altura, contando o conceito de obras, liga-o à ideia de criatividade: «A obra nasce no homem como imitação do Criador. [...] A experiência cristã deve tornar-se criativa, porque é na criatividade que se demonstra a fecundidade realista e incansável da fé» (*O eu, o poder, as obras*, Lucerna, Cascais 2019, p. 161).

Então perguntámo-nos: como é que podemos colocar em evidência esta ideia de criatividade genialmente exposta por don Giussani? Para isso, apoiámo-nos humilde e simplesmente no imaginário de um grande artista como Vasily Kandinsky. Inspirámo-nos nas obras de um artista que foi um grande artista, capaz de pôr em jogo uma audácia e uma fertilidade criativa extraordinárias, pintando a primeira aguarela abstrata da história da pintura. Fê-lo em obediência à sua necessidade pessoal de trazer o espiritual para a arte de uma forma mais explícita, como ele próprio explicou. Um outro aspeto da experiência de Kandinsky é igualmente interessante: com a sua pintura, ele rompe com a lógica das composições clássicas, propondo algo de absolutamente novo através de harmonias mais avançadas, nomeadamente no que diz respeito às cores. A arte de Kandinsky funciona assim como uma preciosa metáfora, porque propõe sempre pontos de convergência mais profundos e inesperados.

Andrea Dellabianca

Obrigado. Para completar a imagem da CdO de que falava o Giuseppe Frangi, vamos ver um pequeno resumo do vídeo, que depois encontrarão completo no início do percurso e que descreve o ponto original referido pelo Giuseppe.

[ver video]



Davide, este ano quisemos retomar, no nosso trabalho com as delegações locais, o tema da ligação com a origem, contado tanto pelo Frangi como no vídeo que propusemos. A ligação com a origem, ou seja, a ligação com o movimento, de onde nasceu a Companhia das Obras, quer como sugestão, quer como iniciativa. Este retomar não é uma proposta confessional, mas cada vez mais nos apercebemos de que é a única possibilidade para andar no mundo. E pedir-te uma ajuda para que este retomar das origens seja interessante para os desafios de hoje e não uma tentativa de reproduzir um modelo do passado.

Davide Prosperi

Obrigado por este convite e obrigado por estarem aqui. Antes de mais, esta pergunta é válida para ambos, porque seria interessante saber o que tu responderias! Falo do meu ponto de vista, e faço-o partindo do curto vídeo que acabaram de ver; muitas das coisas que vou dizer retomam passagens do mesmo, pelo que vos convido a vê-lo na íntegra, pois creio que contém várias ideias que nos ajudam a compreender como a origem da Companhia das Obras continua a ser atual.

Isto responde já à tua pergunta. De facto, neste vídeo percebemos que a CdO (hoje todos sabemos, pelo menos por ouvir dizer, o que é) nasce de algumas intuições, ainda que pequenas; e de repente, muito rapidamente, acontece como que uma explosão, um desabrochar rápido e no entanto sólido, o que não é óbvio, porque muitas vezes as coisas que nascem e crescem demasiado depressa, depois murcham com a mesma rapidez. Não foi o vosso caso, ainda que tenham sido obrigados a passar por tempestades e momentos de crise, que são necessários a qualquer organismo para que possa verdadeiramente crescer. Agora, depois de todos estes anos, acho que se pode dizer que vocês estão a começar a entrar na idade da maturidade; uma idade que – a meu ver – implica um novo momento de crise, num sentido positivo: crise como *don Giussani* a entenderia, ou seja, como vontade de pegar no “saco” que contém toda a experiência vivida e começar a remexer nele. Neste sentido, começamos a criticar o que foi vivido. Como qualquer momento de crise, também o atual tem em si a possibilidade de um certo cansaço, e temos de contar com isso. Sem a humildade de olhar seriamente para dentro deste “saco”, corremos facilmente o risco daquela presunção

que, com o tempo, nos esmaga as pernas.

Eu creio que o verdadeiro desafio que se apresenta hoje à Companhia das Obras – assim como tantas obras individuais, com e sem fins lucrativos, empresas e obras sociais – é sobretudo, mais do que a necessidade de ver nascer ou fazer nascer coisas novas (o que continua a acontecer, embora talvez a um ritmo menos explosivo do que no passado), o de perceber o que é que permite continuar a viver as que existem e a própria CdO como um todo. Eu sou um químico que se tornou biólogo: viver implica crescer e não arrastar-se. Para crescer, uma árvore deve aprofundar as suas raízes, caso contrário cairá, irá entortar-se durante algum tempo e depois cai ao chão. Além disso, nós sabemos que toda a vida, à medida que cresce, envelhece. Nem a CdO está isenta desta dinâmica. Por isso, temos de perceber quando é que o envelhecimento, ou seja, a passagem do tempo, não é uma perda de gosto, mas pode ser um rejuvenescimento interior. Temos exemplos disso; o mais claro que tenho em mente é o do fundador do nosso movimento, *don* Giussani: muitas intuições – das quais ouviremos falar nestes dias, como na apresentação do livro *Una rivoluzione di sé. La vita come comunione (1968-1970)*, que acaba de ser publicado, e que recolhe os seus discursos inéditos –, uma certa compreensão das coisas, ele já as tinha desde o início, mas com o tempo a sua consciência foi-se aprofundando, adquirindo maior lucidez e capacidade de incidir não só sobre si mesmo, mas também sobre o mundo. Creio que para envelhecer assim, para que o tempo não passe em vão, é necessário aprofundar continuamente as razões da nossa história.

A verdadeira questão, para mim, é ajudarmonos a fazer emergir cada vez mais na atividade diária o que define a nossa identidade, o “núcleo duro” – gostaria de dizer – da obra que se constrói. Só assim é que uma obra, ao longo do tempo, através da mudança das condições inevitáveis que a modernidade continuamente coloca, pode continuar a ser ela própria em vez de se tornar noutra coisa, que já não tem nada a ver com o que a originou. Este parece-me ser um risco sempre presente em muitas obras, mesmo entre as que nasceram em zonas próximas ou no seio da Igreja, sobretudo no século passado.

O que permite a uma realidade como a vossa transformar-se de forma adequada às exigências do tempo, mas sem perder a sua origem? Eu diria que duas coisas, acima de tudo. A primeira é um juízo histórico que tem de ser feito: para nos mantermos fiéis à origem do que fazemos, temos de a conhecer. Não basta entrar numa realidade e tentar compreender os seus mecanismos e estratégias, porque com o passar do tempo, com a sucessão das gerações, há um património que deve ser transmitido e comunicado, e por isso deve ser reconhecido e continuamente aprofundado. Em

segundo lugar, não basta conhecer a origem de uma história em abstrato, mas temos de tentar identificar-nos com a experiência que deu origem a essa história, neste caso com a experiência que deu origem à Companhia das Obras. Não se trata apenas de fazer um esforço de vontade para manter vivo um assunto, mas é necessário conhecer as razões profundas que o fizeram nascer e tornar nossa toda a experiência e a história que chegou até nós.

Como ouvimos no pequeno vídeo do início, o Giancarlo Cesana dizia que «foi uma amizade que gerou esta companhia». Para mim, o nome escolhido desde o início – «Companhia das Obras» (e é bom que não tenham mudado de nome) – diz precisamente isso! Porque fala da amizade como um fazer-se companhia: companhia – como ouvimos – no que diz respeito a um significado do fazer, não apenas no fazer. De facto, o Giorgio Vittadini conta que se tratava de reunir amigos com os quais se podia confrontar as necessidades que havia. Uma amizade, sublinhava o Cesana, operacional. No outono passado, tive um encontro com uma das maiores obras sociais, o Banco Alimentar, que pertence à Companhia das Obras, e dizia-se que a CdO deve ser, ou voltar a ser ainda mais, verdadeiramente, um ponto de unidade para tantas obras que, ao longo do tempo, cresceram, amadureceram, com a sua própria responsabilidade e capacidade de desenvolvimento. Mas eu estou convencido de que se este crescimento não for acompanhado por uma maior consciência da ligação, do vínculo com uma origem comum, e se isso não for de alguma forma sustentado, valorizado e acompanhado por uma referência unitária (como a Companhia das Obras tem sido e, na minha opinião, deve continuar a ser), com o tempo tudo isso pode perder a força da sua origem. Portanto, uma ajuda mútua para a tarefa histórica que cada um tem. Isto parece-me particularmente importante e aplica-se a tudo; estou a pensar em mim, na tarefa que me é pedida hoje. Como é que não nos apercebemos de que o que nos é pedido – e o que nos é dado viver – é totalmente desproporcional em relação às nossas capacidades? Ou somos realistas ao ponto de perceber que, juntamente com o que nos é pedido, nos são dados também os meios para o conseguir, isto é, a nossa comunhão, a nossa capacidade de nos unirmos para um objetivo que é maior do que aquilo que cada um de nós pode fazer, ou, se isso nos falta, a presunção toma conta de nós e perdemos o mais saboroso. O mais saboroso é que, claro, podemos colaborar e podemos até exigir isso uns aos outros (uma realidade como a Companhia das Obras deveria exigir que, ao fazer as coisas, colaborássemos e não fizessemos guerra uns aos outros). Mas há algo mais saboroso, a amizade. E a amizade não se pode exigir, porque é um grande dom, e com o tempo descobre-se que não é apenas o instrumento do fazer, mas também um dos frutos do fazer em conjunto.

Andrea Dellabianca

Esta proposta, este reavivamento sobre a origem, que sendo uma relação entre dois sujeitos, nos interessava trazer, gera inevitavelmente também a proposta de uma pertença renovada. Como evidencia o *stand* no Meeting, estamos a tentar propor o valor da consciência de que só numa dimensão comunal é que o protagonismo de cada um (trabalho, empresa, profissões) é exaltado e não "controlado". Esta proposta é acolhida de forma mais imediata pelas obras menos organizadas e com algum receio pelas mais "maduras"; conscientes de que para vencer esta resistência é preciso trabalho e tempo, a recuperação de um laço com a origem aproxima-nos inevitavelmente. Chego à pergunta: como é que a proposta de pertença pode relançar o protagonismo para enfrentar a realidade de forma mais inteligente e não ser um controlo mútuo?

Davide Properi

É uma ótima pergunta. Disseste que nas realidades mais maduras, às vezes, há mais dificuldade em sentir a necessidade desta pertença. Eu julgo que isso não é um sinal de maturidade, mas de imaturidade. No contexto atual em que vivemos, a palavra «pertença» é quase um "palavrão", desculpem o termo. Se tu pertences a alguma coisa, só isso já é motivo de suspeita, há algo de obscuro por detrás, há interesses privados a defender. Portanto, que a pertença possa ser um fator de liberdade e, por conseguinte, de crescimento, não só para ti, como também para toda a realidade que te rodeia, é difícil de acreditar hoje em dia. E acho que, às vezes, nós podemos pensar exatamente como toda a gente. É por isso que digo que é um sinal de imaturidade acreditar que o nosso protagonismo – que, no fundo, é uma expressão da liberdade – se realize à custa de uma contestação da pertença.

Em todo o caso, penso que, mais do que fazer um discurso teórico sobre a pertença, seria necessário reconhecer que a vossa experiência é testemunho disso. De facto, como é que nasce a Companhia das Obras? A ideia nasce do facto de, em meados dos anos 80, alguns amigos de Alcamo produzirem vinho; colocou-se a questão: como é que os ajudamos a vender o vinho? E não foi só isso, a ideia da CdO tem a sua origem antes, do facto de um padre ambrosiano – *don* Giussani – durante uma conferência sobre a relação entre fé e trabalho, a certa altura, ter colocado a experiência da fé em relação direta com a realização de obras, não tanto para fazer alguma coisa, mas para amadurecer a consciência de que aquilo que tu fazes tem algo a ver comigo, se estamos a viver uma experiência comum! Portanto, não nos ajudamos apenas na questão da pertença, por-

que esta preocupação deve encontrar o seu desenvolvimento até ao fim – pelo menos como desejo, como tentativa – da minha tentativa de agir na realidade. Isto é estarmos verdadeiramente juntos, esta é a fraternidade entre nós. Então, a pertença à comunhão gerada pela fé cristã não só não constitui um vulnus, um vínculo que mortifica a liberdade, como a exalta – como vimos na história destes anos –, exalta a criatividade. Sobre isso, julgo que o Giuseppe Frangi poderia dar-vos exemplos, muito mais do que eu. A criatividade – que não diz respeito apenas às obras, evidentemente, mas a toda a experiência humana – de onde é que nasce? De onde é que nasce a capacidade criativa? Podemos pensar que somos uns génios, que temos dons especiais, mas nenhum de nós é capaz de criar nada do zero. Só Deus cria a partir do nada. A nossa criatividade nasce sempre de um receber, é sempre um receber que desencadeia a capacidade de sermos criativos na realidade. Quando deixamos de sentir a necessidade de receber, quando deixamos de receber – isto é sempre verdade, penso em mim, que sou um professor universitário: quando deixamos de estudar, continuamos a repetir-nos a nós mesmos e, pouco a pouco, tornamo-nos não só aborrecidos, como inúteis –, toda a nossa capacidade de iniciativa se extingue.

A vossa história faz parte de uma história maior. É esse o ponto. E é por isso que a pertença se torna um fator que exalta a liberdade, porque há uma grandeza pelo meio, há algo para que tendemos que é maior do que nós, uma grandeza que é um ideal, como está escrito ali, naquela parede. Dizia o nosso amigo de Alcamo que a Companhia das Obras nasceu para ajudar os outros na sua necessidade e, através da resposta a essa necessidade específica, para os ajudar na sua necessidade principal, que é o caminho para o destino. Isto não é, certamente, ensinado por um discurso teórico sobre as obras. É algo que *don* Giussani começou a dizer entre as carteiras do liceu de Berchet a jovens de 16, 17, 18 anos, que começaram a ajuizar com ele o que estavam a estudar, a relação com o rapaz ou a rapariga, a relação com os pais, os problemas que iam surgindo. À medida que cresciam – sempre na relação com ele –, aqueles jovens começaram a ajuizar as escolhas a fazer – universidade, trabalho, vocação –; quando se tornaram adultos, começaram a perguntar-se: «Como é que a realidade pode responder melhor àquilo que encontrámos?». Cá está, não devemos perder esta dinâmica: para mim, a pertença é a condição graças à qual nos mantemos fiéis a esta trajetória. Não é uma utopia e não é um esforço nosso, mas é a adesão a um facto presente.

Por isso, eu penso que um lugar como a Companhia das Obras tem uma primeira vocação, que é – diria eu – a tradução imediata desta partilha de necessidades. Qual é a necessidade fundamental que temos? O caminho para o destino. Mas como é que o caminho para o destino se realiza? Não o fazemos sozinhos, precisamos de educação.

Pois bem, o adulto é aquele que dá a si próprio os instrumentos da sua própria educação. A Companhia das Obras deve ser, é acima de tudo, um lugar educativo, no fazer: o adulto é educado e educa-se a si próprio, e no “fazer juntos” isso torna-se um fator de construção da pessoa e da realidade que o rodeia. No vosso ADN está a ideia de companhia – Companhia das Obras – em que aquilo que fazem, pelo qual são responsáveis, não é só vosso. É isto que as pessoas normalmente não percebem, que todos temos dificuldade em perceber, que fora de uma realidade como esta é quase impossível de compreender. Só o percebemos se tivermos um lugar para o viver: aquilo de que tu és responsável não é só teu, porque, por tua vez, respondes a outro. Respondes a um outro, a algo que é maior do que tu. Vais buscar a tua seiva vital a algo que é maior do que tu e do que a tua capacidade de fazer, e é essa coisa que nunca te deixa perder o gosto de fazer.

Andrea Dellabianca

Na tua intervenção recente na assembleia da Associação Italiana dos Centros Culturais (AIC), fizeste eco ao apelo do Papa que falou de uma «extraordinária história de caridade, de cultura e de missão», relembrando a história de presença no ambiente que marcou o movimento. A CdO é constantemente provocada sobre a cultura do trabalho, da empresa, das obras sociais e educativas, através de um critério ideal e de uma amizade operativa que a sustenta. Que passo consideras mais urgente para a Companhia das Obras no mundo do trabalho (ambiente)?

Davide Proserpi

Se percebi bem a pergunta, serei mais breve porque estou convencido de que é um tema interessante para desenvolver a partir do vosso trabalho e estou curioso para ver como o vão desenvolver. Deixo-o como tema para o próximo ano, para começar a concentrar-me nele. Hoje apresento apenas duas ideias. A primeira: voltando a alguns dos conteúdos do diálogo que tivemos com os Centros Culturais, retomando aquilo que disse no início, temos de nos perguntar continuamente se as razões pelas quais nasceu a CdO (e o mesmo desafio também se aplica a obras individuais) ainda são válidas hoje. Não dou este facto como adquirido. Temos de nos colocar seriamente esta questão, o que significa começar a tentar responder-lhe, caso contrário não é uma verdadeira questão. A pergunta é verdadeira quando começamos a tentar responder-lhe, caso contrário é um processo intelectual e nada mais; não

é que não tenha valor, mas não é suficiente. Então, as razões pelas quais ela surgiu são verdadeiras, continuam a ser válidas hoje? Pois bem, eu penso que num contexto cultural, civil e social que mudou completamente desde o nascimento da CdO – o Papa continua a falar de «uma mudança de época»; vemos isso a todos os níveis, diz respeito ao humano enquanto tal e, portanto, também a todas as realidades associativas cada vez mais em crise e às diferentes organizações –, temos de nos confrontar com um tipo de mensagem, de educação que está muito longe da educação que recebemos e que nos permitiu dar origem àquilo que estamos a fazer. Giussani usava uma palavra para exprimir a incidência da mentalidade ou do ambiente dominante que contesta fortemente a fonte desta educação: *poder*. Não se referia apenas ao poder político, mas a todas as formas de um poder inimigo do homem. E sublinhava a ideia de que o poder atua tentando quebrar a ligação orgânica entre pai e filho. Como é que se torna o filho, o jovem, impotente na sua relação com a realidade? Rompendo o vínculo do filho com o pai, ou seja, com aquele que o introduz na realidade! Assim, por exemplo, vemos hoje emergir em todas as suas formas (não vou enumerá-las, todos as temos bem à nossa frente; também neste Meeting há muitos aprofundamentos deste assunto) a rutura do vínculo entre a tradição e o presente, ou seja, a contestação da relação constitutiva entre pai e filho, isto é, entre a tradição e o presente. O presente esvazia-se do seu significado, porque deixa de ter em si o passado. E isto enfraquece a liberdade, enfraquece gravemente a liberdade. Cada um de nós tem de se confrontar com este desafio. Pois bem, eu creio que foi precisamente a dinâmica oposta a esta que gerou a CdO, ou seja, a consciência de que toda a tradição pode convergir para o desafio do presente, sem esquecer ou negar nada daquilo que construiu toda a história de uma civilização que é aquela em que vivemos e que é cristã. Então qual é o foco desta civilização cristã? Que no centro não está a organização, no centro não está o poder, no centro não está o dinheiro, no centro não está a carreira, no centro não está o sonho: no centro está a pessoa! A novidade que a experiência judaico-cristã e também ocidental introduziu na história é precisamente a centralidade do valor da pessoa. Penso que continuar a afirmar isto já desafia a mentalidade dominante, para a qual o que importa é que a empresa vá para a frente, que possa crescer cada vez mais. Tudo coisas boas, mas se não for em função da pessoa concreta, tudo isto se vira contra nós.

A segunda ideia que vos dou vem disto, e exprimo-a com uma pergunta: o que significa trabalhar em conjunto? Obviamente, a CdO é uma companhia em que trabalhamos em conjunto, mas o que significa trabalhar em conjunto numa com-

panhia em que o tema é a pessoa e não apenas a eficiência ou o lucro? Digo “não apenas” porque não é que a eficiência e o lucro sejam coisas más, sentiríamos a sua falta! Ficamos todos contentes se as coisas funcionarem, aliás, se não funcionarem, temos de nos questionar. Mas o que é que significa o facto de, neste fazer funcionar as coisas, o foco, o centro, ser a pessoa? Para não sermos abstratos, temos de responder concretamente a esta pergunta, caso contrário, afastamo-nos da origem, de como tudo começou. Começou assim: os nossos amigos de Alcamo não conseguem vender vinho, apesar de estarem a investir tudo nele, apesar de não ser assim tão mau. Na minha opinião, a partir daqui o desafio interessante é que também terá um efeito na organização, porque não é um «ou/ou», mas é um «e/e». Vocês, que são os responsáveis pelas vossas obras, devem ter como primeira preocupação a pessoa, a começar pelas pessoas que estão envolvidas nas obras. Isto significa que, todos os dias, somos confrontados com a tentação constante, quase inevitável, de ter como primeira preocupação a gestão dos recursos materiais, dos recursos humanos, do orçamento, da relação com as instituições – tudo coisas necessárias –, a começar por esta primeira preocupação: vocês, que andam a transportar caixas de cartão de uma sala para outra, para que serve o que estão a fazer? É isto que distingue a obra de uma atividade qualquer.

Andrea Dellabianca

Uma segunda passagem que tu fazias no teu discurso à AIC, que é muito verdade para nós, é o tema do diálogo e do juízo cultural. O risco, como tu dizias, do diálogo pelo diálogo, ou seja, de um diálogo que não chega a propor nada ao outro que encontras, é muitas vezes filho da procura de consenso e não da procura de sentido. Penso que o Meeting é, pelo contrário, um grande exemplo de como o diálogo, mesmo partindo de posições diferentes, tem uma perspectiva de construção do bem, sem cair na violência verbal, mas conservando aquilo que encontra como verdadeiro. Hoje, para sustentar esta posição, penso que é inevitável recuperar essa ligação com a origem a partir da qual nasce um juízo novo como proposta na sociedade. Como é que nos podemos ajudar em relação a este risco do diálogo pelo diálogo?

Davide Prospero

Gostaria de responder a esta pergunta com base na experiência que vivemos este

ano, porque começámos um trabalho em conjunto, em comum, de verificação do caminho e dos passos necessários a dar. Muitas coisas foram geradas em conjunto – refiro-me àqueles que dirigem e estão mais diretamente envolvidos com a Companhia das Obras e àqueles que, como eu, não fazem parte das vossas atividades, mas sentem como totalmente sua esta vossa experiência e estão em sintonia com ela. O fruto deste trabalho, na minha opinião, está também a fazer aparecer a outra face da moeda. Há pouco dizíamos que é necessária uma redescoberta contínua da origem e uma ligação estável a ela, também num sentido histórico. Ao mesmo tempo, constatei que, à medida que as condições mudam, à medida que os anos passam, à medida que a experiência e as competências de cada um aumentam, a renovação é necessária, é continuamente necessária para nos adaptarmos ao presente, mas esta renovação tem de ocorrer dentro de uma continuidade, ou seja, precisamente dentro da ligação com a tradição. E é nesta relação dramática entre o olhar contínuo para a origem e a necessidade de renovação que, na minha opinião, a própria origem se mantém viva.

Estou a pensar, por exemplo, nas Tendas de Natal da AVSI, que se realizam há muitos anos: um gesto proposto pelo movimento de CL. É claro que é a iniciativa de uma obra, que neste caso se coloca ao serviço de uma realidade que não é apenas a obra, mas é todo o movimento, que de facto participa nas Tendas AVSI e participa além disso como gesto missionário, portanto como oportunidade de encontro com os outros. E como é que se dá este encontro? Retomo exatamente o que vos dizia antes: em primeiro lugar, realiza-se através de uma modalidade concreta, as Tendas, em que se coloca em cima da mesa uma determinada necessidade a nível global e planetário, relativamente a situações particulares, mas essa necessidade é colocada diante de todos com um juízo. Vou dar um exemplo: o tema das Tendas é a paz; todos concordam com isso. Mas há uma forma de entender a paz em que tu e eu podemos não dizer a mesma coisa! Estamos a falar da mesma coisa, mas não estamos a dizer a mesma coisa, ou seja, o nosso juízo não é o mesmo, porque o critério que utilizamos não é o mesmo, por isso tu podes pensar na paz como o resultado do rearmamento, enquanto eu – seguindo o que diz o Papa – considero isso inadequado. Então, tenho de dar razões para isso, tenho de o motivar através de uma experiência capaz de responder mais à mesma preocupação do que outros que pensam na paz de outra maneira. O mesmo objetivo, portanto, não implica o mesmo juízo, porque o critério de juízo pode ser diferente.

Voltando ao vosso caso, há duas hipóteses: ou o critério é a relação com a origem da obra e com a própria Companhia das Obras, ou inevitavelmente, mais cedo ou

mais tarde, esse critério será tomado ou mesmo ditado por fatores externos àquilo que vocês são. Como eu dizia antes, esta é um pouco a trajetória de muitas obras nascidas mesmo no âmbito católico. Porquê? Porque, a certa altura, para existirem, precisam de ser financiadas, de ser apoiadas, de estar inseridas num determinado contexto cultural – de certa forma, são as condições com que todos nós temos de lidar a toda a hora. E todos os dias são confrontadas com o desafio dramático de decidir se são vocês que vos financiam e, portanto, se são a expressão daquilo que vos permite existir, ou se vos interessa existir com um objetivo que está ligado a uma determinada origem e, portanto, querem continuar ligadas a essa origem. É uma pergunta a que têm de responder todos os dias quando lidam com as obras. Deixem-me dar-vos um exemplo que dei recentemente noutra ocasião: imagine-mos um tipo que vende gelados na esquina da rua, o seu negócio cresce com o tempo, as coisas correm-lhe bem, tem até alguns golpes de sorte. Faz os investimentos certos e a sua empresa torna-se numa grande multinacional. Pois bem, eu acho que muitas das vossas obras também nascem e crescem com inteligência, mas se se esquecerem que essa inteligência é fruto de uma educação, de uma génese comum que todos continuam a viver numa pertença, se começarem a pensar que isso é apenas fruto da vossa genialidade, mais cedo ou mais tarde a vossa obra tornar-se-á outra coisa e começará a exprimir outra coisa. Pode encher o seu fazer de palavras – as nossas palavras! – mas será outra coisa completamente diferente. E o mundo aperceber-se-á disso.

Concluindo, esta é a minha sugestão: talvez a verdadeira razão pela qual possa fazer sentido reunirmo-nos, como hoje aqui, é que é certamente importante para a Companhia das Obras, tendo em conta tudo o que dissemos, mas é também importante para o movimento. Até agora insisti sobretudo na importância para a CdO de se manter ligada à sua origem genética, mas agora quero dizer que também é importante para o movimento este nosso diálogo, porque o movimento enquanto tal precisa de ver como se exprime nas obras essa mesma origem que me faz estar ligado à experiência que vivo. Por isso recomeçámos este trabalho juntos. Dizia *don* Giussani, citado pelo nosso amigo de Alcamo no vídeo que vos convido a ver, com aquela frase de São Tiago da qual tudo partiu: «A fé sem obras está morta». Pois bem, nisto estamos verdadeiramente juntos. Talvez – não talvez! – cada um com as suas responsabilidades relativamente às coisas que nos são pedidas no dia a dia, estejamos todos verdadeiramente juntos sabendo que a responsabilidade que cada um tem – colocada em comum – é fundamental para o crescimento do todo. Obrigado.

Andrea Dellabianca

Agradeço ao Davide pela ajuda que nos deu. Certamente que todos os dias, e de uma forma mais intensa, nos confrontamos com a questão do sentido, empenhando-nos nos nossos empreendimentos, construindo as nossas obras e desafiando aquela desproporção que todos sentimos. Penso que graças ao diálogo com o Davide e também à capacidade artística e expressiva de mostrar o início deste trabalho, este ano temos um caminho a percorrer com as questões que foram surgindo, conscientes de que retomar esta origem, perceber o que origina a nossa capacidade de aceitar o desafio das questões que nós e os nossos colaboradores temos (porque esta questão: «Em que é que me estás a pedir para colaborar?» também está patente no colaborador que contratas), exige uma capacidade de estar diante de nós que não é apenas o resultado de um saber fazer, mas de um fazer com sentido. E este sentido não deriva apenas da nossa genialidade, mas de um lugar que ajuda a gerar este sentido, a sustentar esta questão e a dar exemplos dela. Bem, os exemplos que mostramos neste espaço da CdO são uma oportunidade para mostrar que este caminho está a ser feito.

Agradeço ao Davide, ao Giuseppe e a todos vocês.